



ACONSELHAMENTO CRISTÃO

Pra. Gislaine Florido



SEMEADOR

NITERÓI, 2004

**Seminário Evangélico para o
Aperfeiçoamento de Discípulos
e Obreiros do Reino - SEMEADOR**

Supervisão Editorial:
Pr. Luiz Cláudio Flório

**Projeto Gráfico,
Edição e Impressão:**
Mídia Express Comunicação

Todos os direitos reservados

**Comunidade Cristã
Jesus para o Mundo**



Apresentação

Este livro foi escrito pela equipe de redatores do Seminário Evangélico Para o Aperfeiçoamento de Discípulos e Obreiros do Reino - SEMEADOR com base em fundamentos recolhidos de várias fontes: autores cristãos

reconhecidamente inspirados por Deus, estudos aceitos e adotados por outros seminários evangélicos de prestígio e, acima de tudo, a visão específica que o Espírito Santo tem atribuído ao ministério da Comunidade Cristã Jesus Para o Mundo.

Por se tratar de conteúdo bíblico, o assunto aqui tratado não se esgota, em nosso entendimento, nas páginas deste ou de qualquer outro livro. Cremos no poder revelador da Palavra de Deus, que nos oferece novas induções a cada releitura. Por isso, o objetivo maior do SEMEADOR não se limita ao estudo teológico, mas sim em trazer a presença de Deus e a Palavra *Rhema* na vida de discípulos e obreiros que queiram um verdadeiro compromisso com o Seu Reino.

A Bíblia e a presença de Deus são, portanto, requisitos indispensáveis para os alunos do SEMEADOR, tanto no estudo deste livro como durante as aulas.

“Não to mandei eu? Esforça-te, e tem bom ânimo; não te atemorizes, nem te espantes; porque o Senhor teu Deus está contigo, por onde quer que andares.” Josué 1:9

Equipe de Redação

Índice

Capítulo 1	
A Trindade do Homem	7
Capítulo 2	
Aconselhamento na Igreja	19
Capítulo 3	
Quando há necessidade de ajuda	31
Capítulo 4	
Aspectos básicos do ato de ajudar as pessoas	43
Bibliografia	56
Resposta dos Exercícios	57
Programa Curricular	58

Aconselhamento Cristão



CAPÍTULO 1



A Trindade do Homem

O Homem é formado de: Espírito, Alma e Corpo

Antes de entrarmos no assunto do nosso livro, estaremos nesse capítulo estudando sobre a formação do homem, desde sua criação até a sua queda. Veremos que após a queda vieram as conseqüências, e por conseguinte todos os problemas emocionais e espirituais do homem. Deus criou homem para viver em perfeita harmonia, mas o homem escolheu virar as costas para Ele.

A Criação do homem

O Projeto de Deus

“E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos, e sobre toda a terra, e sobre todo réptil que se arrasta sobre a terra. Criou, pois, Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou” (Gn. 1:26,27).

Deus criou o homem perfeito e harmonioso. Não somos frutos do acaso ou de um acidente genético, mas de um projeto claro e específico do Filho e do Espírito Santo.

Imagem vem do hebraico “*tselem*”, que quer dizer figura representativa, aparência externa. *Semelhança* vem da palavra hebraica “*demuwth*”, que significa padrão, espécie, conduta, modelo, aparência interior.

A Ação de Deus

“E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou-lhe nas narinas o fôlego da vida; e o homem tornou-se alma vivente”. Formou o homem do pó - *“âphâr”*, que significa terra, restolho (nada de especial), diz respeito ao CORPO. Fôlego, *“neshâmâh”* - vento, rajada de vento, “espírito”, diz respeito ao ESPÍRITO. E o homem se tornou ALMA VIVENTE, *“nephesh”*, criatura viva, que possui corpo, desejo, apetite, sentimento. A alma é resultado do sopro de Deus no corpo sem vida de Adão. A combinação de espírito e corpo produziu a alma, aquilo que é singular no homem.

Funções do espírito, da alma e do corpo

Vimos que o homem é espírito, é capaz de ter consciência de Deus, de se comunicar com Deus (Jó 32:8; Sl. 18:28; Pv. 20:27). O homem é alma, tem consciência de si mesmo (Sl. 13:3). E homem é corpo mediante os seus sentidos; por isso tem consciência do mundo.

Espírito

É importante sabermos que possuímos um espírito e que toda comunicação de Deus com o homem ocorre através dele. *“A palavra do Senhor acerca de Israel: Fala o Senhor, o que estendeu o céu, e que lançou os alicerces da terra e que formou o espírito do homem dentro dele”* (Zc. 12:1). *“Mas, o que se une ao Senhor é um só espírito com ele”* (I Co. 6:17). *“Não sabeis vós que sois santuário de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?”* (I Co. 3:16). O nosso espírito então, é que mantém comunhão com Deus. *“O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus”* (Rm. 8:16).

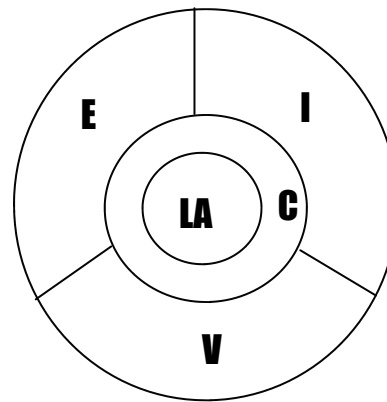
Corpo

Através do corpo físico, o homem entra em contato com o mundo material e físico. Ele nos dá consciência do mundo físico, através dos sentidos que são: visão, audição, olfato, tato e paladar.

Alma

Jesus veio para salvar a alma. A alma é a pessoa, por isso também podemos chamá-la de personalidade. É nela que ficam as marcas e feridas dos traumas e complexos. Salvar a alma não é somente livrá-la do inferno e da condenação, mas é também a restauração da imagem e semelhança de Deus em nós. Através da alma o homem tem consciência de si mesmo. A alma é o ponto de intercessão (encontro) do espírito com o corpo, pois o espírito humano não pode atuar diretamente sobre o corpo, por isso ela é a mediadora. A função da alma é manter a harmonia entre o espírito e o corpo. temos a seguir um diagrama da nossa alma:

E = emoção
I = intelecto
V = vontade
C = consciência
LA = livre-arbítrio



a) Emoção: o mundo emocional é aquele por onde circulam o afeto, as sensações de alegria ou de tristeza, bem-estar, insatisfações e a capacidade de se vincular ao mundo exterior, de sentir o outro e o ambiente. As emoções também têm a ver com a intuição, percepção e sensibilidade. Poderíamos dizer que, usando a metáfora do corpo, as emoções estariam representadas pelo tronco e pelo peito. Por isso é comum se ouvir a referência a uma angústia ou a uma grande tristeza como um aperto no peito. Às vezes, a angústia é tão profunda que provoca náuseas, o que significa que mexe com o ventre. Dentro da emoção temos a afeição, a percepção e o desejo.

- Afeição - "...a alma de Jônatas ligou-se com a alma de Davi; e Jônatas o amou como à sua própria alma" (I Sm. 18:1). "Dize-me, ó tu, a quem ama a minha alma..." (Ct. 1:7). "...de modo que a sua vida abomi-

na o pão, e a sua alma a comida apetecível” (Jó 33:20).

- Desejo - *“...Assim a minha alma anseia por ti, ó Deus!” (Sl. 42:1). “...o meu amado em quem a minha alma se compraz; ...” (Mt. 12:18). “Minha alma te deseja de noite...” (Is. 26:9).*

- Percepção - *“...e uma espada traspassará a tua própria alma,...” (Lc. 2:35). “Deixa-a, porque a sua alma está em amargura...” (II Rs. 4:27). “Por que estás abatida, ó minha alma, ...” (Sl. 42:5).*

b) Intelecto (mente): é o mundo do pensamento, fica fácil associá-lo à cabeça, região do raciocínio, da lógica e da reflexão. É através do pensamento que se pode abstrair, fantasiar ou articular idéias e conceitos. O intelecto está ligado ao pensamento, às idéias, à teoria.

“...Maravilhosas são as tuas obras, e a minha alma o sabe muito bem” (Sl. 139:14).

“...E o conhecimento será aprazível à tua alma;...” (Pv. 2:10).

“Filho meu, não se apartem estas coisas dos teus olhos: guarda a verdadeira sabedoria e o bom siso; assim serão elas vida para a tua alma, e adorno para o teu pescoço” (Pv. 3:21,22).

“Sabe que é assim a sabedoria para a tua alma...” (Pv. 24:14).

c) Vontade: é o querer ou não alguma coisa, tem também a ver com a impulsividade, a pertinácia e a perseverança. A garra e a agressividade, também têm a ver com estes aspectos da nossa alma. Associando esses conceitos à ação, a parte do corpo mais apropriada para representar a vontade seriam os membros, através dos quais pegamos, conquistamos, pisamos, realizamos.

“...Senhor não o entregarás à vontade (original alma) dos seus inimigos” (Sl. 41:2) .

“Não me entregues à vontade dos meus adversários...” (Sl. 27:12).

“E, se te enfadares dela, deixá-la-ás ir à sua vontade...” (Dt. 21:14).

“Nessas coisas a minha alma recusa tocar,...” (Jó 6:7).

d) Consciência: mais para o interior da figura, encontramos o espaço destinado à consciência - aquela voz interior que soa com a nossa própria voz, criticando nossos atos e os atos alheios; é aquela voz que acusa e denuncia, acionando um alarme dentro de nós é aquela voz que também

aprova nossos atos corretos e agradáveis a Deus. É a consciência que desperta as culpas e dispara o alarme dos ricos e perigos. No entanto, ela não tem poder de decisão.

e) Livre Arbítrio: Tal poder de decisão compete ao livre-arbítrio, que é o cerne e o eixo principal da alma. É a instância última do ser humano, que o diferencia - juntamente com a consciência - dos outros animais, assemelhando-o a Deus, seu Criador. Livre-arbítrio é o poder maior da alma: é a capacidade de escolher, de decidir e de optar. Usando-o, caminhamos ou para o céu ou para o inferno; decidimos nossos rumos e destinos. É porque temos o livre-arbítrio que resistimos a Satanás, à tentação e ao pecado. Escolhemos fazer uma ou outra coisa, e, por isso, somos responsabilizados perante Deus e os homens. Por causa da importância deste dom, o livre-arbítrio está no ponto central da alma e simbolizado no núcleo do desenho acima.

Chamamos a atenção, ainda dentro destes princípios, que podemos dividir a mente em consciente e inconsciente. A mente aqui não se refere ao intelecto acima descrito, e sim, à mente como vida psíquica. Observe também, que a divisão diz respeito à consciente e inconsciente, e não à consciência. O consciente é a superfície da vida psíquica onde está a consciência. Sabemos o que está se passando agora dentro de nós mesmos, conhecendo nossos sentimentos, pensamentos e desejos, além de termos consciência deles. O consciente é o espaço onde aparecem a emoção, o intelecto e a vontade; e é também o arquivo onde estão todos os dados aos quais temos acesso constante. Mas, o consciente é apenas o ponta de um "iceberg".

Já o inconsciente é o resultado da soma dos traços que se recebe por herança mais as sínteses das experiências vividas. Tudo o que já vivemos até o presente está gravado no inconsciente. A memória do inconsciente é *pantomnésia* (*panto* = tudo). Não só o que vivemos, mas também as nossas conclusões, fantasias e sínteses de cada experiência precipitam-se para o inconsciente, e lá se depositam, passando a exercer influência. É nessa *química* de vivência mais herança que são gerados os códigos, valores, conceitos, pressupostos e programas que determinam nossas ações e reações.

O que sou de fato está muito mais no inconsciente do que no consciente. A maioria das pessoas tem uma visão consciente de si que distancia

do todo que ela realmente é. E quanto maior essa distância, mais doente e desajustada está a pessoa. Por outro lado, quanto mais madura e saudável está uma pessoa, mais conhecimento ela tem de si própria. Por isso mesmo, podemos concluir que o processo de crescimento, seja psicológico, seja espiritual, se dá por meio de um contínuo encontro da pessoa consigo mesma até que chegue à expressão plena de seu ser como imagem e semelhança de seu Criador.

A queda do homem

“Porquanto a criação ficou sujeita à vaidade, não por sua vontade, mas por causa daquele que a sujeitou. E não só ela, mas até nós, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, aguardando a nossa adoção, a saber, a redenção do nosso corpo. Porque na esperança fomos salvos. Ora, a esperança que se vê não é esperança; pois o que alguém vê, como o espera?” (Rm. 8:20,23,24).

Com a entrada do pecado, a criação foi atingida e sujeita à corrupção. Entrando o pecado, entrou a desarmonia. E o homem foi alvo central nesse processo. O homem é uma trindade e como vimos, foi criado espírito, alma e corpo, e como consequência do pecado essas três partes foram atingidas: o espírito ficou inativo, a alma entrou em desarmonia, e o corpo conheceu a corrupção.

Nosso objetivo é estudar sobre esse distúrbio ou desarmonia da alma. Inteirarmo-nos de como o homem foi e tem sido afetado, tornando-se cativo de si mesmo e suscetível ao mundo espiritual do mal, aos enganos e sugestões malignas.

Creemos que o espírito do homem é a parte que nasce de novo. Tiago 1:21 diz: *“acolhei com mansidão a palavra em vós implantada a qual é poderosa para salvar as vossas almas”*. Não é a alma que nasce de novo. A salvação e restauração da alma é um processo dinâmico. Tiago falava, nos versos 18 a 21 do texto acima, para pessoas que nasceram de novo. Pois os chamava de *“meus amados irmãos”*.

Com isso, entendemos que o homem interior, o espírito, recebe a vida eterna e nasce de novo. Mas seu intelecto, vontade e suas emoções ainda precisam ser tratados. Não nasceram de novo, precisam ser renova-

dos (Rm. 12:2). O Salmista também falou da restauração da alma: “*Refrigera-me a alma...*” (Sl. 23:3). A palavra hebraica traduzida aqui “*refrigerar*” no Antigo Testamento é a palavra grega traduzida como “*renovar*” no Novo Testamento e significam a mesma coisa. A alma e a mente devem ser renovadas ou restauradas.

No Éden, iniciou-se todo o distúrbio. A semente do mal foi lançada no homem, e com isso ele só necessitou dos agentes catalisadores (pai, mãe, familiares, marido, esposa, professores etc.), que seriam responsáveis pelo desencadeamento dos problemas e dificuldades interiores.

Você se lembra como Adão explicou sua desobediência à Deus? Jogando toda a culpa em Eva. E quando Deus falou com Eva, conseqüentemente ela jogou toda a culpa sobre a serpente. Assim como Adão e Eva, todos nós preferimos ignorar nossa responsabilidade pelos problemas que enfrentamos. Eles nos machucam demais, então é mais confortável responsabilizar os outros por aquilo que nos perturba. Culpamos o nosso próximo e, muitas vezes, culpamos o diabo. É importante lembrarmos que os problemas entre as pessoas começam dentro de nós.

O conceito que temos acumulado de nós mesmos dá cor a tudo que vemos. Se fôssemos maduros e honestos para identificar os problemas e conflitos que há dentro de nós, teríamos menos problemas entre nós.

Portanto, a queda afetou a relação do homem com Deus, com o próximo e com ele mesmo. Cremos que o Espírito Santo, nestes dias, deseja restaurar-nos por completo: “*Espírito, alma e corpo guardados irrepreensíveis...*” (I Ts. 5:23).

Conseqüências da queda: barreiras, feridas e traumas

Como conseqüência, surgiram as enfermidades interiores e as deformações de personalidade. Essas enfermidades aparecem como conseqüência de sua separação de Deus. O Homem foi entregue a si mesmo, saindo fora do controle do Espírito Santo, e também como resultado das influências demoníacas.

Como uma das conseqüências da queda temos as barreiras que se erguem em nosso interior. Podemos localizar dois tipos de barreiras interio-

res: as verticais e as horizontais. As verticais são formadas entre nós e Deus. Ela impede um relacionamento íntimo e satisfatório com Deus. O homem foi criado à imagem de Deus e ele não pode viver em harmonia sem se relacionar adequadamente com seu criador. E um fator que impede uma pessoa de desenvolver um relacionamento profundo com Deus é a imagem distorcida que tem a respeito Dele. Muitos O consideram (mesmo que inconsciente) como um Deus severo, punitivo, indiferente, que muitas vezes nos rejeita quando falhamos, além de muitos outros conceitos negativos.

As barreiras horizontais se interpõem entre nós e os outros. Elas impedem que estabeleçamos relacionamentos significativos com o próximo. O fato de não nos conhecermos plenamente torna-nos ilhados em nós mesmos. O medo da rejeição, da crítica, os complexos de inferioridade e até de superioridade formam barreiras que impedem as pessoas de se aproximarem e se relacionarem conosco em nível mais profundo.

Já com relação às feridas e traumas seria o que a Bíblia chama de “enfermidades”. São dificuldades, problemas em nossa personalidade que requerem um toque mais profundo e específico do Espírito Santo. Há experiências passadas em nossa vida que necessitam de uma “desprogramação”. São mensagens negativas que precisam ser desgravadas. São cenas do passado que nunca foram esquecidas e a dor da lembrança ainda nos persegue como se tivesse acabado de acontecer.

As feridas são conseqüências de danos pessoais; pessoas e situações que o feriram, através de palavras e atitudes, ou ausência de afeto e atenção dos pais, decepções, injustiças, sofrimentos morais e também físicos, etc. Os traumas são produzidos por experiências fortes acima da capacidade emocional do indivíduo. Muitas vezes duas pessoas passam por uma mesma experiência traumática e somente para uma delas se torna um trauma. Deus criou o homem diferente uns dos outros exteriormente e interiormente. Devido à sensibilidade emocional de cada um, a situação traumática será de maior ou menor dano.


Nossa história de vida é o somatório de diversas experiências, desde a concepção até a morte. Enquanto houver vida estamos expostos a situações constrangedoras e ameaçadoras.

EXERCÍCIO


Marque Certo ou Errado:

1. ___ A criação do homem foi o mais perfeito e harmonioso projeto de Deus.
2. ___ A comunicação do homem com Deus é feita através do seu espírito.
3. ___ A alma pode ser também chamada de personalidade.
4. ___ O espírito do homem é dividido em: vontade, intelecto e emoção.
5. ___ A queda do homem afetou o seu relacionamento com Deus, com o próximo e com ele mesmo.
6. ___ Com a queda surgiram como conseqüências as enfermidades interiores as deformações de personalidade.

Aconselhamento Cristão



CAPÍTULO 2



Aconselhamento na Igreja

O aconselhamento e a igreja

"E *Ele os apascentou segundo a integridade do seu coração, e os guiou com a perícia de suas mãos" (Sl. 78:72).* Na Bíblia Linguagem de Hoje, o mesmo texto de Salmo 78:72, lemos assim: *"Davi cuidou deles, com dedicação e os dirigiu com muita sabedoria".*

Uma ênfase importante para a igreja hoje é o treinamento de pessoas (leigos) para o exercício dos seus dons. É importante entendermos que a responsabilidade pelo pastoreamento (apascentamento) das ovelhas de Deus não é só dos pastores ordenados. Homens e mulheres deveriam ser estimulados a usar os dons pastorais que possuem. Infelizmente, temos poucas pessoas em nossas igrejas que conseguem ajudar de maneira eficiente. Queremos com este livro trazer uma orientação simples sobre como ajudar pessoas, entretanto, não nos aprofundaremos no assunto já que não estamos falando de ministério de aconselhamento, onde haveria a necessidade de uma formação mais detalhada.

Definição de aconselhamento

De modo simples, aconselhamento é uma combinação de ensino e apoio no qual uma pessoa ajuda outra a entender e viver nos padrões de Deus. É uma relação de ajuda que tem por finalidade propiciar apoio, es-

clarecimento, avaliação, orientação e tomada de decisões.

O processo de aconselhamento inclui os mandamentos de Deus: ouvir, aceitar, compreender, ajudar, admoestar e instruir. Este processo acontece em um relacionamento marcado pela manifestação de amor, honestidade, verdade, interesse, paciência, integridade, respeito e confrontação.

O aconselhamento pode ajudar a resgatar áreas da vida das pessoas que naufragaram nas tempestades do dia-a-dia e se manifestam em ansiedade, culpa, depressão, falta de maturidade etc. Um trabalho de ajuda, em que pastores (as) e pessoas leigas servem como possibilitadores de crescimento, pode transformar o clima interpessoal de uma congregação, e fazer com que a igreja seja um lugar em que o crescimento é fomentado nas pessoas durante toda a vida.

O aconselhamento visa também reduzir a mutilação de nossa capacidade de dar e receber amor e permite que o amor de Deus seja uma realidade experimentada em relacionamentos. Dessa forma, o relacionamento é um instrumento de contínua renovação através da reconciliação, contribuindo para curar nossa alienação em relação a nós mesmos, nossas famílias, a outros membros da igreja, em relação a Deus e, principalmente, às pessoas que estão fora da igreja .

O aconselhamento no contexto da vida da igreja

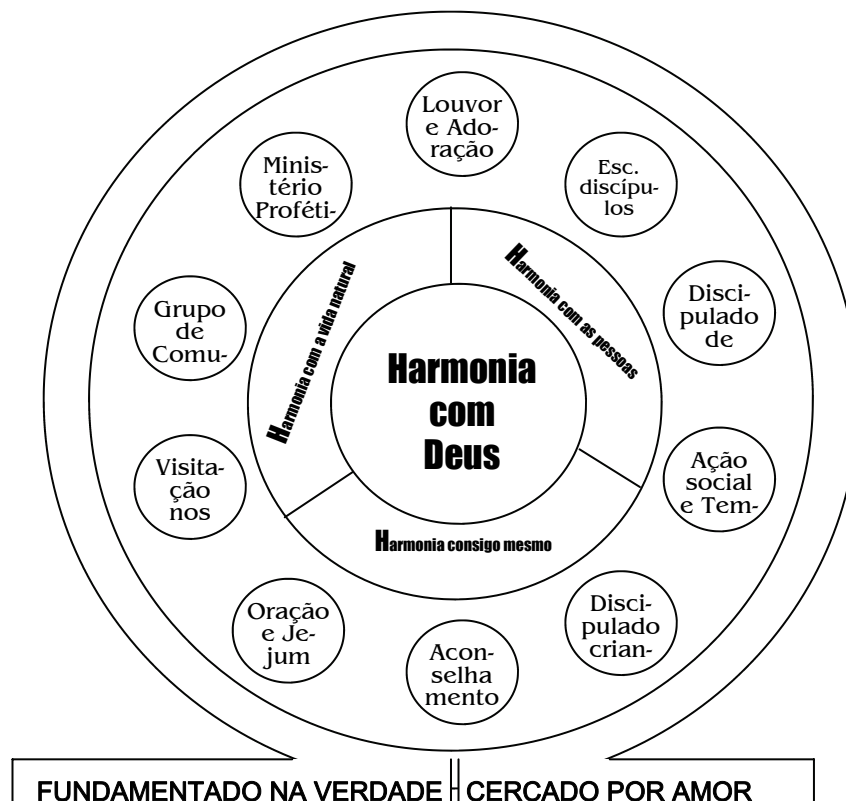
A igreja é um centro de cura, libertação e crescimento. Ela tem cinco funções: (1) adoração: cultos de louvor e adoração a Deus; (2) kerigma: proclamação das boas novas; (3) didache: ensino; (4) koinonia: estabelecimento de uma comunidade de cuidado mútuo; (5) diakonia: serviço. O aconselhamento na igreja é a expressão da diakonia (serviço) e o promotor da koinonia (cuidado mútuo).

O aconselhamento cristão está em conformidade com a Grande Comissão, na qual Jesus ordenou a Seus seguidores que fizessem discípulos de todas as nações. Todos somos personalidades diferentes com dons, maneiras e modos de abordar as pessoas. Esta individualidade não precisa

ser abafada: deve ser canalizada de tal maneira que cada um de nós seja mais eficaz como ajudador, e mais sensível à orientação do Espírito Santo na medida em que procuramos prestar assistência aos outros.

De alguma forma, a igreja hoje não possui o privilégio de decidir se vai fazer aconselhamento ou não. O que podemos observar é que para cumprir a ordem de Jesus de fazer discípulos inclui-se também a de ajudar as pessoas nos seus conflitos e dificuldades. Em algum momento, quando nos dirigimos a uma pessoa que ainda não conhece a Jesus, ela deverá achar em nós o desejo de ajudá-la.

Vejamos a seguir, através de um gráfico, a integração do aconselhamento na vida da Igreja.



Aconselhamento cristão

No Novo Testamento, o termo traduzido em português como A-CONSELHAMENTO, quer dizer, no idioma grego, **planejar JUNTOS**.

O aconselhamento é uma atividade específica, durante a qual, "conselheiro" e aconselhado estão convencidos da exclusividade, da soberania, da confiabilidade e da integridade da Palavra de Deus, assim como da presença do Espírito Santo. O aconselhamento cristão se baseia na Palavra originada no coração de um Deus eterno, pré-existente à fundação do mundo, sendo inquestionável sua eficácia universal bem como em sua validade eterna (Hb. 4:12).

Como o aconselhamento cristão é fundamentado sempre e exclusivamente, na Palavra de Deus, o conselheiro não deve emitir sua opinião pessoal, mesmo que seja uma pessoa de grande experiência espiritual e de reconhecida maturidade cristã (Hb. 4:12 e II Tm. 3:16). Sob esse aspecto, o Senhor Jesus é o exemplo mais convincente que deve ser fielmente seguido por todos os conselheiros que se consideram cristãos (Jo. 12:44-50). Nunca é demais destacar o aspecto soberano da Bíblia, propriedade singular que torna o aconselhamento cristão DIRETIVO (o conselheiro baseado na Bíblia orienta o aconselhado e o ajuda nas decisões). Paralelamente a isso, existe um fator de segurança na certeza de que o desenvolvimento desse tipo de aconselhamento está subordinado à inspiração e orientação do Espírito Santo (Jo. 14:26).

Tipos de aconselhamento

a) De apoio: educativo, em tempos de crise, em caso de perda (morte, separação, falência), etc. O aconselhamento de apoio eminentemente pastoral, enfatiza cuidado e apascentamento, utiliza métodos que estabilizam, alicerçam, alimentam, motivam e orientam. É utilizado com pessoas que não necessitam de aconselhamento de descoberta, ou que não têm condições de reagir a ele pelo momento em que estão vivendo.

O aconselhamento de apoio visa satisfazer necessidade de segurança; catarse emocional; exame objetivo da situação; mudanças de situação

de vida; encorajar ação apropriada etc. Geralmente esse tipo de aconselhamento é prestado em casos de crise, quando a pessoa está enfrentando sérias dificuldades (viuvez, divórcio, falência, desemprego etc.); no caso de pessoas portadoras de distúrbios, até que elas possam ser encaminhadas para tratamento; etc..

b) De descoberta: visa mudanças básicas de personalidade, lida com aspectos ocultos e focaliza material inconsciente e experiências da infância. Esse tipo de aconselhamento visa ajudar a pessoa a adquirir consciência de si própria; a compreender os seus sentimentos e relacionamentos, libertando-a da dominação de experiências passadas; a ajudá-la a perceber a si própria como pessoa de valor (auto-estima); a abrir mão das fachadas protetoras que as impedem de desenvolver relacionamentos autênticos e reciprocamente supridores; a fazer mudanças construtivas de comportamento; a desenvolver os seus talentos, etc.

As pessoas estão vivas psicológica e espiritualmente na medida em que estão conscientes das suas próprias vidas interiores e com elas se relacionam, assim como com outras pessoas e com Deus. O objetivo último de todo aconselhamento é um relacionamento mais aberto, crescente e afetivo com Deus e com o próximo.

Métodos de Aconselhamento

1) Individual: é o método mais utilizado, especialmente na vida da Igreja. É muito procurado pelos membros das igrejas, em busca de ajuda para seus problemas, e, também, no caso de pessoas recém convertidas.

2) Conjugal: nos casos de conflitos matrimoniais. Este tipo de aconselhamento exige várias qualificações, como confiabilidade do casal; absoluta isenção sobre as questões divergentes entre marido e mulher; testemunho de vida matrimonial do conselheiro. conhecida e reconhecida principalmente na igreja.

3) Familiar: a aplicação do referido método, para os membros de uma família inteira, deve ser indicada quando houver um mínimo de reconhecimento, por parte dos seus componentes, de que todos necessitam de ajuda e desde que sejam preenchidos os seguintes itens: quando pais e fi-

lhos estiverem de acordo em receber aconselhamento e quando houver um compromisso sincero de comparecimento e pontualidade aos horários combinados. Deve ter cuidado de evitar, diligentemente, quaisquer pretextos e sutilezas que transformem as sessões em um "júri popular".

4) Grupal: está indicado para promover o crescimento e o ajustamento espirituais de certos agrupamentos de membros, que exercem certas atividades na igreja.

5) Congregacional: quase sempre esse aconselhamento é iniciativa da liderança (pastores).

A Pessoa do Conselheiro

Na maioria das vezes, as pessoas resistem em pedir ajuda, porque isso implica em relatar coisas pessoais, muito íntimas. Todos experimentam algum tipo de constrangimento quando reconhecem a necessidade de revelar as próprias fraquezas e falhas que atrapalham a espiritualidade pessoal. Há muitos sentimentos envolvidos que contribuem para esse tipo de resistência. Em geral poderiam ser citados: medo de ser julgado e/ou rejeitado, perda da amizade e de consideração em sua própria igreja, incompreensão e vergonha, além da diminuição da auto-estima. Mas é preciso considerar, de modo bem transparente, a presença de outros fatores que podem reforçar as resistências do aconselhado. Esses elementos têm a ver com a PESSOA do CONSELHEIRO, que podem ser resumidas em:

- a) Maturidade espiritual;
- b) Vida de testemunho, principalmente na congregação;
- c) Guardar sigilo das conversas;
- d) Desempenho como conselheiro cristão.

Uma das principais características que um ajudador teve ter é o amor. "Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vós ameis uns aos outros", declarou Jesus em João 13:34. "Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros". O amor é a exigência mas fundamental para quem quer ajudar as pessoas. Quando o apóstolo João estava escrevendo a sua Primeira Epístola, reconheceu que alguns dos seus leitores

estavam tendo dificuldades em saber quais as pessoas que realmente eram cristãs, e quais não eram. Para ajudar neste problema, João indicou que os cristãos eram as pessoas que se caracterizavam pelo amor.

Outra característica que gostaríamos de enfatizar é guardar sigilo. Deve haver diligência e zelo especial, não é um favor do conselheiro e sim o cumprimento da maior exigência nesse serviço. O conselheiro deve estar consciente de ser um instrumento de Deus realizando um serviço de RESTAURAÇÃO de uma pessoa sob total e absoluta iluminação do ESPÍRITO SANTO. Um verdadeiro conselheiro cristão não tem direito algum de se valer de uma relação confidencial para se transformar em delator. Por meio da Palavra de Deus o conselheiro cristão desempenha um serviço envolvendo, simultaneamente, RECONCILIAÇÃO, CONSOLAÇÃO E INSTRUÇÃO. Há casos em que o aconselhado sofre o drama de se encontrar em situação de pecado, porém, ainda assim, nenhum conselheiro cristão dispõe de qualquer tipo de autoridade, ou poder, ou qualificação espiritual, que lhe conceda prerrogativas para agir como juiz. O papel do conselheiro, nesses casos específicos, será o de conduzir a pessoa a tomar, ela própria, a iniciativa - sem sofrer ameaças - de rejeitar o pecado e deixar para sempre. E se for um crente, fazê-lo voltar à comunhão com sua igreja, segundo os princípios bíblicos. *Nunca, porém, poderá denunciar* o aconselhado.

Resumindo: um conselheiro cristão deve adotar uma postura de sincera acolhida, misericórdia, solidariedade e franqueza, sem qualquer arrogância e nunca, jamais, se colocar na posição de juiz. Além disso, não deve emitir opinião pessoal e apresentar sempre a Palavra de Deus, como resposta aos problemas do aconselhado. E, ainda mais, ser assíduo, pontual, longânimo, responsável, competente e ter estabilidade emocional.

A pessoa do aconselhado

Ao aconselhado cabe querer primeiramente ajuda. A sua participação pessoal é indispensável para o processo. Essa informação deve ser convincente, para que o aconselhado não se acomode como ser passivo. Muito pelo contrário, por se encontrar, exatamente, no "centro da graça divina", ele deve desempenhar um papel dinâmico, que é de significativo valor no processo de ajuda. Outras questões que são importantes, e de responsabili-

dade pessoal e exclusiva do aconselhado, são sinceridade, propósito de mudar, pontualidade e assiduidade. No trato habitual é muito freqüente que os aconselhados apresentem algumas dificuldades para alcançar o preenchimento desses requisitos. Na maioria das vezes esses obstáculos são provenientes de uma fonte comum, identificada como baixa auto-estima. Por causa da mesma, várias e desagradáveis conseqüências se evidenciam no relacionamento pessoal com o aconselhado. Por isso é importante se ter cuidado e atenção em lidar com as pessoas, e ter certeza que elas realmente desejem ajuda. A responsabilidade do conselheiro junto ao aconselhado é muito grande, principalmente entre cristãos. Pode ser considerado como um pacto ESPIRITUAL de compromisso, onde as responsabilidades e privilégios são mútuos. Ao mesmo tempo, esse pacto corresponderia a uma aliança entre dois servos de Deus (ver a aliança entre Davi e Jônatas em I Sm. 18:1-5).

Relação de compromisso entre conselheiro e aconselhado

Inicialmente, é relevante abordar a questão do compromisso do SIGILO BILATERAL, cujo cumprimento é de obrigação moral, IGUAL e RECÍPROCA, para ambos. Deve haver segredo absoluto para que não enfraqueça o processo de ajuda. A privacidade pessoal é de extrema delicadeza espiritual, devendo ser preservada diligentemente. É também de responsabilidade, reciprocamente igual, o zelo pela preservação do caráter de lealdade ao desenvolvimento e continuidade do processo.

Não se poderia deixar de se advertir sobre o fenômeno da "transferência". Denomina-se TRANSFERÊNCIA ao aparecimento de envolvimento sentimental e/ou sexual, durante a prática de qualquer relação de ajuda, especialmente quando carências e frustrações desabrocham. Essa possibilidade deve ser encarada de frente, de maneira honesta e corajosa, como um risco potencial, devendo ser permanente objeto de vigilância e oração. Entretanto, é aconselhável que se preste ajuda, a pessoas do mesmo sexo, ou casais com casais, ou então, chamar uma pessoa para estar junto.

No aconselhamento cristão, conselheiro e aconselhado têm a certeza de que Deus os reuniu naquele encontro para o cumprimento de seus propósitos santos. Quando o conselheiro ajuda a uma pessoa pela provisão do Espírito Santo, ambos são tomados pela convicção de terem sido colocados, exatamente, no centro da graça divina (Rm. 5:20). É Deus quem toca no coração do cristão, convocando-o para uma determinada obra específica no Corpo de Cristo. Nesse chamado Ele inspira e capacita, individualmente, a cada cristão, manifestando a santidade de seus propósitos (Ef. 4:7-16). Aquele, pois, para quem a Palavra de Deus é a única regra de fé e prática, tem plena convicção de que não existem coincidências na vida cristã (Rm. 8:28).


Durante uma "campanha evangelística" muitos indivíduos, das mais diversas procedências, que têm a oportunidade de ouvir as mensagens do evangelho, aceitam a Jesus Cristo e na Igreja buscam soluções concretas para suas necessidades pessoais. Ao serem acolhidos, passam a fazer parte do Corpo de Cristo, todavia, podem apresentar certas seqüelas espirituais e emocionais, necessitando de ajuda, de amor, aceitação e amizade.

EXERCÍCIO


Marque Certo ou Errado:

1. ___ Aconselhamento é uma combinação de ensino e apoio.
2. ___ O aconselhamento cristão está em conformidade com a grande comissão.
3. ___ Aconselhamento no Novo Testamento é traduzido no idioma grego como planejar juntos.
4. ___ Aconselhamento de apoio visa mudanças de personalidade.
5. ___ Individual, conjugal, grupal e congregacional são métodos de aconselhamento.
6. ___ O conselheiro precisa ter: maturidade espiritual, vida de testemunho, saber guardar sigilo etc.

Aconselhamento Cristão



CAPÍTULO 3



Quando há a necessidade de
ajuda

Há experiências que precisam ser "desprogramadas"

Como vimos no capítulo sobre a trindade do homem, após a sua queda, como conseqüências deste ato, barreiras, feridas e traumas começaram a fazer parte de sua vida. É verdade que cada ser humano tem sua maneira de suplantar essas conseqüências, mas a maioria precisa de ajuda. Algumas marcas ou cicatrizes ficam enterradas no interior por longo tempo e depois passam a provocar comportamentos e reações inexplicáveis. Essas feridas e traumas, para serem curados, necessitam de um toque especial do Espírito Santo. São experiências a nível emocional que estão fora do alcance da disciplina, da força de vontade e de orações comuns. Essas experiências necessitam sofrer uma "desprogramação". E isso não acontecerá da noite para o dia; necessitará de um processo dinâmico.

Os diferentes tipos de feridas e traumas emocionais

1. Medo

Existe um medo normal que nos é dado por Deus, e que funciona como defesa contra ameaças externas. Mas muitas pessoas possuem, além desse medo normal, uma ansiedade crônica, um temor difuso do amanhã, um medo de ficar doente, de ser castigado por Deus, enfim, são os temores obsessivos e as fobias. Quando o medo se torna uma ansiedade dominante e impede nossa eficácia, ele cessa de ser criador e se torna destrutivo.

2- Rejeição

Fomos criados por Deus com uma necessidade profunda de sermos amados e cuidados, e quando essa necessidade não é suprida toda a personalidade é afetada. Um indivíduo adulto se sente rejeitado, incapaz de receber e dar amor, porque na sua maioria teve uma infância em que não se sentiu amado e aceito. A rejeição é um sentimento de abandono, de não ser amado adequadamente. É uma das marcas mais profundas do ser humano. Muitas vezes é fruto de lares onde os pais são muito ocupados, ou até incapazes de perceber as profundas necessidades do filho, ou seja, ser amado e aceito como ele é.

3- Baixa auto-estima

Os sentimentos conscientes e inconscientes que temos a respeito de nós mesmos constituem a nossa auto-imagem. As idéias acerca de nós mesmos, dadas por nossos pais, professores, parentes e outras pessoas nos primeiros anos de nossa vida determinam grandemente o nosso auto-conceito. Quando nossa auto-estima é baixa, a tendência de ficarmos feridos com facilidade se acentua, nos tornamos extremamente defensivos, defendemos nossas idéias e opiniões como se estivéssemos nos defendendo, e também nos tornamos extremamente críticos. Uma pessoa que é extremamente crítica de outros é, no fundo, a maior crítica de si mesma. Por ser incapaz de atingir seu padrão pessoal, devido à baixa auto-estima, a pessoa não admite que ninguém atinja qualquer padrão. Finalmente, faz com que a pessoa tenha dificuldade de perdoar os outros, pois como não consegue perdoar a si mesma por ser "tão ruim", conseqüentemente não consegue perdoar a outros.

4- Sentimentos de culpa

Existe uma culpa que é real e é causada pela transgressão de um princípio de Deus. E ela é resolvida através da confissão e da apropriação da obra de Cristo na cruz. A culpa real é identificável. Mas existe um sentimento de culpa que funciona mais ou menos assim: confesso meus pecados a Deus uma, duas e até três vezes, mas não me sinto perdoado. É um sentimento que nos acompanha a todo momento e que é aguçado quando falhamos. Este sentimento pode ter sua origem nas expectativas não realistas que tiveram a nosso respeito. Foi exigido de nós mais do que podíamos dar, e estamos sempre nos sentindo culpados por não atingirmos os padrões estabelecidos. Muitas pessoas trazem dentro de si um

vago sentimento de nunca ter agradado os pais e isto as faz sentir culpadas. Esse sentimento também pode ser consequência de sentimentos nunca confessados. Temos medo de ser rejeitados, por isso escondemos a todo custo nossas falhas e sentimentos, os quais consideramos indignos. Somente a confissão profunda e real pode trazer alívio para este tipo de sentimento.

5- Ressentimento

Normalmente nós nos sentimos ressentidos por atitudes injustas, por abusos, mas é algo passageiro. No entanto, existe um ressentimento que é raiva congelada. Quando um ressentimento não foi adequadamente resolvido, ele congela e se transforma em indiferença. Há muitas pessoas que pensam que perdoaram, mas muitas vezes o que elas fizeram foi suprimir a mágoa. O verdadeiro perdão restaura o amor e o relacionamento. Este é o padrão de Deus. Muitos de nós estamos separados de Deus e das pessoas por causa de ressentimentos. Achamos que um cristão não pode sentir raiva. Mas na verdade, as emoções não são boas nem más, são emoções. O mais importante é o que fazemos com elas.

Quando os traumas e as feridas se formam

1. Durante o período de gestação

A vida começa no ventre materno. Nos nove meses de gestação, o feto encontra as condições ideais para o seu desenvolvimento. Ali está o princípio da vida: a criança é nutrida, recebendo oxigenação adequada, recebendo vida, enfim. No entanto, nove meses depois, ele é "expulso" da condição fetal, entrando na primeira fase de vida fora do útero.

Nessa fase pode haver rejeição por parte da mãe. E a atitude materna em relação ao filho durante a gravidez é a mais forte influência que pode haver no comportamento do futuro da criança. É comprovado que a partir do sexto mês de gestação o sistema nervoso central do feto é capaz de receber, processar e codificar mensagens.

Problemas sociais, conjugais e financeiros trazem uma carga sobre a mãe e como consequência reações de rejeição, medo, angústia e depressão. E como uma esponja, o bebê absorve tudo e isso certamente deixará seqüelas em seu interior.

2. Durante a infância

Este período é muito rico, intenso, cheio de vida e aprendizado. A criança tem uma capacidade incrível de se alegrar, de exultar e de celebrar. A grande produção psíquica da infância é a fantasia. A fantasia é uma necessidade na fase da infância e um preparo para a vida. Na fantasia, vale tudo: é o *reino do tudo é possível*. O pensamento pode fazer todas as coisas.

A fase de zero a seis ou sete anos de idade é a fase onde a personalidade humana é formada. Os fatores genéticos e ambientais serão responsáveis pela saúde emocional da vida do indivíduo. Situações como o desmame brusco, o nascimento de outro irmão, ser deixado em creches ou sozinho em casa podem ferir profundamente uma criança. Abusos sexuais, preferências, excesso de disciplina física, castigos mal dados, agressões verbais também são fatores que provocam traumas e feridas interiores. Na fase do período escolar, o fato de enfrentar uma situação totalmente nova e sem a presença de familiares, principalmente a da mãe, pode ser traumático. O primeiro dia de aula fica marcado em todos nós. É uma fase propícia para o desencadeamento dos traumas.

3. Durante a adolescência

A infância prossegue até os dez ou doze anos e vai se desdobrar na adolescência. Na adolescência, gradativamente vão se incorporando dados da realidade, e a pessoa passa da fantasia ao *sonho*. O sonho é diferente da fantasia porque começa a se revestir de realidade para tentar re-integrar-se a ela.

Também na adolescência se processa uma nova crise que é a puberdade. Há uma mudança no esquema corporal, além de importantes mudanças no nível psicológico. O adolescente não é adulto nem criança. É na crise da passagem à fase de adulto jovem que ele vai ter que assumir responsabilidades sociais e profissionais. Ele passa a responder por suas atitudes e as conseqüências delas. O fato de tantas mudanças físicas e emocionais deixa o adolescente aberto a todo tipo de influência. É a fase onde todos os recalques e frustrações virão à tona. Muitas feridas e traumas se instalarão nesta fase.

4. Durante a vida adulta

Podemos dividir em duas fases o adulto jovem e a idade madura. O

adulto jovem passa dos sonhos aos *projetos* e estes são a sua grande produção. É na crise de responsabilidade que a realidade começa a funcionar como um filtro sobre as fantasias e sonhos, possibilitando que se transformem em projetos. Qual a diferença do sonho para o projeto? O sonho tem a ver com desejos e anseios, mas conta com poucos parâmetros para viabilizá-los. O projeto é algo ainda não alcançado, porém perfeitamente viável.

A idade adulta é a idade da *realização*. Isso não significa que o adulto tenha deixado suas fantasias, seus sonhos. Entretanto, não vive mais deles. O indivíduo adulto trabalha e investe nos seus projetos até que eles se realizem.

Nesta fase, apesar de adulto, somos ainda seres sensíveis, e todo tipo de experiências difíceis que enfrentamos poderá trazer danos se não forem elaboradas. Muitas vezes (não é sempre) nessa fase, as coisas ruins que nos acontece estarão batendo em feridas do passado que ainda não foram fechadas e curadas. Somos então perseguidos por aquelas lembranças e ainda machucados por elas. Ainda tem a possibilidade de ocorrerem danos na vida adulta, devido a experiências sentimentais, profissionais, conjugais etc.

Durante o processo de crescimento é como se uma pessoa subisse a ladeira do seu desenvolvimento. Enquanto se sobe a ladeira da vida, é tempo de fantasiar, sonhar e fazer projetos. Mas é também tempo de crises. No processo do ciclo vital, a oportunidade significa que vamos enfrentar as crises, que vamos vivê-las de fato, passar por elas e crescer. Precisamos estar conscientes que toda crise traz consigo oportunidades e perigos.

Como perceber que há necessidade de ajuda

1. Quando há lembranças de situações do passado, que ainda machucam quando se fala o pensa a respeito delas.
2. Quando se busca o crescimento espiritual e algo impede de prosseguir.
3. Quando não se consegue ter ou manter relacionamentos interpessoais em nível mais profundo.
4. Pessoas que, apesar de usar todos os recursos disponíveis (oração, jejuns etc.), ainda são atraídos pelo pecado. Isso acontece por não ter tido

uma experiência que os levassem à fé necessária para a vitória, ou então por feridas e traumas do passado.

5. Quando o relacionamento com Deus não se aprofunda em termos de intimidade, amor, confiança, entrega etc. Sempre há dúvidas sobre o que Deus é e o que espera de nós.

6. Quando há evidência de alguns dos sintomas citados abaixo: desconfiança, mentira, intolerância, timidez excessiva, ira descontrolada, ciúme excessivo, homossexualismo, orgulho, depressão contínua, tristeza, indecisão, frustração, desesperança, auto-piedade, adultério, solidão, influenciável, crítica e acusações.

A maioria das pessoas precisam de algum tipo de ajuda, e quando elas não conseguem, conseqüências podem ocorrer como as feridas. As feridas abrem brechas e fazem a pessoa suscetível ao inimigo com suas investidas e ciladas. No caso de uma adolescente que foi violentada, por exemplo, se não for ajudada, provavelmente se tornará uma prostituta. Crianças rejeitadas que, para se sentirem amadas, se tornam vítimas de abuso sexual. Crianças que sofreram espancamentos, abuso de disciplina verbal, críticas quanto ao seu papel de menino (a) por pais ou parentes próximos e do sexo oposto, poderá apresentar barreiras, e isto pode levá-la a tornar-se homossexual. As feridas travam as pessoas, inibem e impedem o desenvolvimento de dons e talentos.

As feridas abrem também o espírito para opressões demoníacas. Essas opressões trazem impulsos baixos e pecaminosos, como por exemplo: violência, roubo, impurezas sexuais, desejos lascivos, intuições ou sentimentos negativos etc. As feridas trazem ou provocam distúrbios físicos (artrites, enxaquecas, úlceras, etc.). Cerca de 70% das doenças são de origem psíquica. Vêm pela falta de perdão, de confissão e abertura profunda (Tg. 5:16).

O caminho para quem quer ajuda

1- Reconhecimento

Em primeiro lugar precisa-se reconhecer que se necessita de uma experiência de cura. Isso nem sempre é fácil. Na maioria das vezes as

peças se acostumam a carregar aquelas cargas de feridas desde a infância, e aprender a erguer barreiras de proteção, tampando as origens ou raízes dos problemas. Para o início de um processo de cura é necessário estar disposto a despir-se da capa de proteção e isso é difícil. O processo de cura se inicia quando se chega à conclusão e admiti-se que "eu preciso de ajuda".

2 - Honestidade

Depois de reconhecer a necessidade de ajuda, entra a honestidade. É ela que mantém a porta interior aberta para que o Espírito Santo possa penetrar e perscrutar o mais profundo do nosso ser. Precisa-se entender que há um princípio claro e importante que é andar na luz. Isso significa honestidade.

3 - Disposição

Outro ponto é estar disposto a levar o processo até o fim e colocar os princípios da Palavra de Deus em prática, pois é através dela que virá uma restauração da alma (Sl. 19:7). Para isto, eis alguns princípios que restauram no nosso interior e o relacionamento com o próximo.

a) Confissão (Tg. 5:16) - quando se confessa os temores, ansiedades, ressentimentos, hábitos errados etc., coloca-se em prática o princípio da confissão e isso será cura e alívio, pois se estará dividindo, aliviando o fardo. Entretanto, a confissão deve ser feita sempre para uma pessoa de confiança, de preferência da liderança da igreja.

b) Perdão (Mt. 6:14,15; Ef. 4:32; I Pe. 4:8) - É um princípio bíblico, que traz vida e liberdade ao que pratica. O perdão libera a nossa vida e também a do agressor, eliminando a culpa e o ressentimento. Na formação de feridas e traumas sempre envolvem terceiros (familiares, amigos, professores, etc.) e a cura também os envolverá, tanto para o perdão e até para a confissão.

"Dir-se-ia que, de fato, o perdão só acontece quando nós esquecemos, mas, na realidade, o perdão começa com a lembrança da ofensa e/ou dívida. O perdão passa, inicialmente, pela necessidade de se levantar a dívida e de "atualizá-la", trazendo-a à tona. Quando alguém subestima uma ofensa não está perdoando. Para que se chegue a um perdão real é indispensável que se trilhe um caminho; é essencial que se beba um certo "cálice amargo". É impossível lembrar a dívida sem dor. Perdoar é lem-

brar, mesmo com dor. Perdoar, em princípio, é liberar a culpa do outro e "ficar no prejuízo". Quando perdoamos, a dívida continua sendo dívida, só que a sensação de prejuízo é superada, porque foi dado o devido encaminhamento à dor que ela provocava. Perdoar, é desistir dos "direitos" que teríamos de receber aquelas "dívidas". Se não abrir mão, não há perdão!" (Fábio Damaceno, Oficina de cura Interior, págs. 191 a 193)

Em I Coríntios 12: 26 diz: "De maneira que, se um membro sofre, todos sofrem com ele; e se um deles é honrado, com ele todos regozijam". É de suma importância o vínculo, a aliança com o corpo de Cristo. Foi através de um contexto familiar natural que muitas das feridas e traumas foram provocados, e cremos que será dentro do contexto da família espiritual o processo de restauração.

Quais os processos de cura?

a) Processo legal: A cruz e a salvação

O sacrifício de Jesus na cruz trouxe salvação completa ao homem. Ali ele conquistou por nós uma provisão perfeita, uma vida plena de vitória em todas as áreas de nossas vidas (Jo. 8:36, 10:10; Gl. 5:1; Is. 53; Mt. 11:28; Hb. 9:14). Somos, porém, conscientes que a restauração completa não ocorre instantaneamente no ato de conversão; ela nos foi concedida legalmente. O espírito recebe vida e novo nascimento, mas a alma necessita de um processo de transformação e renovação, assim como nosso corpo espera a sua redenção (ainda sofremos doenças e enfermidades físicas). Agora, assim como oramos por causa do nosso corpo físico, devemos orar pela cura de nossa alma ferida pelo pecado e por experiências do passado.

b) Processo experimental:

1º) Pela identificação com os sofrimentos de Cristo (Hb 4:14-18; Is. 53:2,3). Jesus nos concede cura, identificando-se com nossas feridas. Ele pode e quer nos curar porque ele entende o que é padecer, o que é sofrimento (Hb. 5:7-8). Ele conheceu diversos tipos de sofrimentos, inclusive dores emocionais (Mt. 26:37,38); experimentou a angústia, medo, insegurança (Mt. 26:21); experimentou a dor da traição (Jo. 19); experi-

mentou vergonha, injustiça, humilhação e rejeição (Lc. 4:22-29; Jo. 13:37,38); perdeu pessoas queridas (Jo. 11:35); passou por solidão e abandono na cruz (Jo. 19:25,26). Concluimos, portanto, que, Jesus cura-nos não somente pelo fluir do seu poder, mas porque conhece plenamente nossos sofrimentos, pois Ele os experimentou e pode nos consolar e restaurar.

2º) Pelo Espírito Santo, que trabalha por nós. Ele assiste em nossas fraquezas, acompanha passo a passo, e intercede por nós (Rm. 8:26). A presença de Jesus pelo Espírito Santo, levada às cenas traumáticas, retira a dor da experiência, você não está mais só, Ele retira as ataduras, cordas, que prendiam aquela experiência.

Como essa experiência chega até nós

a) Comunhão com Deus (oração e leitura bíblica). Há um depósito maravilhoso à nossa disposição. Mas infelizmente nos aproximamos dele somente para edificar um ministério. Sendo que o propósito principal é buscar a Deus e à sua Palavra como fonte de vida, cura e restauração pessoal.

b) Os dons do Espírito. O corpo de Cristo em ação, manifestando os dons que nos foi concedido, trabalha na restauração das vidas. Principalmente quatro dons de I Coríntios 12: **palavra de conhecimento, discernimento de espíritos, palavra de sabedoria e fé**.

c) Pregação da Palavra. Traz direção, alimento e esperança a um rebanho. A imposição de mãos também se torna necessária, pois são feitas orações pessoais, ministrando libertação, cura e o poder do Espírito Santo.

d) Grupos de comunhão íntima. Traz oportunidade de aprendermos a aceitar as pessoas como elas são. No grupo começamos a nos despojar do espírito de julgamento e de críticas e entendemos as dificuldades das pessoas em um nível mais profundo. Aprendemos a ouvir, porque um ambiente de amor e confiança foi formado. É um lugar de ministração através dos dons do Espírito Santo. Quando oramos pelas pessoas abrimos um espaço para atuação sobrenatural do Espírito. Os grupos funcionam debaixo de orientação e supervisão dos pastores.

EXERCÍCIO

Marque Certo ou Errado:

1. ___ Culpa e rejeição são tipos de feridas emocionais.
2. ___ Em cada período de nossa vida pode acontecer traumas e feridas diferentes.
3. ___ Há necessidade de ajuda quando há evidências de mentira, desconfiança, ira descontrolada, depressão contínua etc.
4. ___ As feridas abrem também o espírito para opressões demoníacas.
5. ___ A confissão e o perdão são princípios que restauram nosso interior e o relacionamento com o próximo.
6. ___ É de suma importância o vínculo, a aliança com o corpo de Cristo.

Aconselhamento Cristão



CAPÍTULO 4



Aspectos básicos do
ato de ajudar

Aconselhamento no discipulado

Que é um ajudador cristão de pessoas? O cristão tem alvos diferentes do não-crente na ajuda aos outros? Enquanto permanecermos na terra, não podemos desatender à Grande Comissão (Mt. 28:16-20), se é que levamos a Bíblia a sério em nosso objetivo de ajudar as pessoas. O conceito de discipulado é tão importante na Escritura que é possível considerarmos o aconselhamento cristão como sendo aconselhamento no discipulado. Os alvos desse aconselhamento são: ajudar as pessoas a funcionarem de modo mais eficaz nas suas vidas diárias; a se libertarem dos conflitos espirituais, emocionais e interpessoais; a terem paz consigo e a desfrutarem de uma crescente comunhão com Deus; a desenvolverem e manterem com o outros relacionamentos inter-pessoais serenos; a realizarem o máximo potencial que têm em Cristo; e a estarem ativamente envolvidos em se tornarem discípulos de Jesus Cristo e discipuladores para Ele.

Todo cristão deve ser um ajudador de pessoas

Segundo a Bíblia, todo cristão deve ter uma solicitude prática e sacrificial com as necessidades dos seus semelhantes. Tiago nos relembra repetidas vezes que nossa fé está morta se não se demonstra solicitude prática para com os outros (Tg. 2:14-20). Esta mesma idéia é enfatizada noutras partes das Escrituras. Todos nós devemos preocupar-nos com o próximo (Fp. 2:4). Todos nós recebemos ordens no sentido de alegrar-

nos com os que se alegram, e de chorar em empatia apoiadora com os que choram (Rm. 12:15). Todos nós temos instruções para edificar-nos mutuamente, para admoestar uns aos outros, para encorajar os desanimados, para ajudar os fracos, e para ter paciência com as pessoas entre as quais vivemos (I Ts. 5:11,14). Todos os homens e mulheres espirituais têm a responsabilidade de suavemente sarar ou restaurar aqueles que caíram no pecado, e todos devemos envolver-nos na tarefa de suportar as cargas uns dos outros (Gl. 6:1,2).

Quando os membros de nossa família, nossos vizinhos, nossos companheiros de trabalho, ou os membros da igreja conversam conosco informalmente acerca de algum evento na vida deles, ou de algum problema difícil, nós que somos motivados pelo amor cristão sempre descobriremos que estamos aconselhando, reconhecendo-o ou não, e deliberadamente procurando fazê-lo, ou não. Embora todo cristão tenha uma responsabilidade de ajudar aos outros, é provável que o aconselhamento seja um dos dons espirituais que é dado para a edificação da igreja e para o fortalecimento dos crentes individualmente.

Entretanto, não devemos tirar a conclusão de que somente as pessoas com dons especiais devam ser envolvidas no aconselhamento. Quanto a isto, a ajuda às pessoas é semelhante à evangelização ou ao ensino. Embora alguns tenham um dom especial de evangelista, todo cristão deve ser uma testemunha, procurando ganhar homens e mulheres para Cristo.

Os cristãos que possuem um dom especial de aconselhamento, eles terão forte desejo de se envolverem na ajuda às outras pessoas e provavelmente, sejam as mesmas pessoas que sempre se vêem abordadas por aqueles que têm necessidade de aconselhamento.

Todo conselheiro cristão é instrumento do Espírito Santo. É somente Ele que ajuda as pessoas, embora freqüentemente o faça através de nós (Jo.14:16,26). Sem dúvida, o Espírito Santo emprega todos os crentes nesta tarefa, mas aquele que têm o dom de aconselhamento são Seus instrumentos especiais para ajudar as pessoas em tempo de necessidade.

Alguns princípios de ajuda às pessoas

A abordagem tipo discipulado ao aconselhamento se expressa em

termos de seis princípios gerais. Vejamos sobre cada um deles.

Princípio nº 1: Em qualquer relacionamento de ajuda, a personalidade, os valores, as atitudes, e as crenças do ajudador são de importância primária.

Ao escrever para a igreja na Galácia, Paulo instruiu aos irmãos que restaurassem (trazer a um estado de plenitude integral) qualquer indivíduo que estivesse tendo dificuldades pessoais (Gl. 6:1). Parece que alguns dos gálatas estavam caindo em pecado, e que estavam tendo problemas por causa disto. O apóstolo preocupava-se pessoalmente com estes homens e mulheres, mas veja que pessoas deviam ajudá-los: "*vós, que sois espirituais*". No capítulo 5 de Gálatas lemos a bem-conhecida lista dos traços que caracterizam o cristão espiritual: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio (Gl. 5:22,23). O indivíduo espiritual é a pessoa que faz seus valores conformarem-se com os ensinamentos de Jesus (Gl. 5:24), é guiado pelo Espírito de Deus (v. 25), e não é egocêntrico, desordeiro, ou cheio da sua própria importância (v. 26).

Além disto, note-se que o ajudador cristão é brando (Gl. 6:1), uma pessoa que pode manter firmeza com o ajudado, mas que também é compassiva. Este ajudador tem consciência das tentações que advêm quando se envolve num relacionamento íntimo de aconselhamento (v. 1), e quando se envolve com as pessoas (v.2), por algum tempo, leva as cargas do seu ajudado, se envolve com a dor e a inconveniência do processo de ajuda. O ajudador cristão é humilde (v.3), e reconhece qual é a fonte da sua força, e não age com uma atitude superior, tipo mais-santo-do-que-tu. Examina-se a si mesmo (v.4) - está envolvido numa auto-avaliação realista e evita as comparações com os outros-, é responsável em levar os fardos da sua própria vida (v.5), está disposto a ajudar os outros a fazerem o mesmo, e pronto a aprender ajudando (v. 6). Tem consciência de Deus, e das influências espirituais no comportamento humano (vv. 7,8) e é paciente (v.9) mesmo quando a tarefa da ajuda é longa e árdua. Reconhece sua responsabilidade de fazer o bem a todas as pessoas, mas "*principalmente aos da família da fé*" (v. 10). E além disso tudo, a pessoa que segue Jesus Cristo desenvolve características que podem ser resumidas numa só palavra pequena: *amor* - o que é de importância crucial na ajuda às pesso-

as. O ajudador eficaz procura ver e entender o problema do ponto de vista do ajudado. É preciso conservar intactos os próprios pontos de vista objetivos, mas também é necessário reconhecer que pode-se ser da máxima ajuda se, além disto, se consegue ver o problema do ponto-de-vista do ajudado e deixá-lo saber que entendemos como ele se sente e como vê a situação. O ajudado, por sua vez, precisa reconhecer que alguém realmente está procurando entendê-lo. Este mútuo entendimento desenvolve o máximo de harmonia entre o ajudador e o ajudado.

Outro ponto é a autenticidade. Significa que as palavras do ajudador são consistentes com as suas ações. A pessoa verdadeiramente genuína é espontânea mas não impulsiva nem desrespeitosa, é consistente quanto aos seus valores e atitudes, não está na defensiva, tem consciência das suas próprias emoções, e está disposta a compartilhar a sua própria pessoa e sentimentos.

Jesus revelava empatia, calor e autenticidade, e o ajudador cristão bem-sucedido deve fazer o mesmo. Mas deve-se tomar cuidado com o exagero. O ajudador deve freqüentemente examinar seus próprios motivos para ajudar. E, é bem possível que, como ajudadores, as nossas próprias necessidades venham a ser satisfeitas no relacionamento do auxílio, mas a tarefa primária é ajudar aos outros.

Princípio nº 2: As atitudes, motivação e desejo de ajuda da parte do auxiliado também são importantes.

Quando o auxiliado não quer ajuda, deixa de perceber que existe um problema, não deseja mudar, ou não confia no ajudador nem no processo de auxílio, então o aconselhamento raramente é bem-sucedido. Deus nos criou com livre arbítrio, e não é possível ajudar uma pessoa indisposta a crescer psicológica e espiritualmente. Essa resistência deve ser reconhecida, e o auxiliado deve receber ajuda no sentido de perceber o valor de fazer mudanças na sua própria vida.

Naturalmente, não se deve tomar por certo que a pessoa que precisa de ajuda sempre está resistindo de modo teimoso. Às vezes, as pessoas simplesmente têm medo. É difícil para uma pessoa falar acerca dos seus fracassos ou problemas, e há ocasiões em que o próprio auxiliado não sabe qual é o problema. Contar a uma outra pessoa coisas acerca da vida

particular pode ser arriscado, pois há a possibilidade de sermos criticados ou rejeitados. Além disto, há a atitude de frustração e de auto-condenação que alguns ajudados sentem por não terem conseguido solucionar sozinho os seus problemas. Por isso, a tarefa do ajudador é ajudar o auxiliado a relaxar e "abrir o seu coração". Para alcançar os melhores resultados, é importante para o auxiliado ter ou adquirir uma atitude de esperança quando vem procurar ajuda.

Princípio nº 3: O relacionamento de ajuda entre o ajudador e o auxiliado é de grande relevância.

Uma boa harmonia é essencial para um aconselhamento bem-sucedido. Os relacionamentos de ajuda diferem não somente na sua natureza mas também na sua profundidade. Quando duas pessoas se encontram, não deixam do lado de fora da porta suas personalidades, valores, atitudes, insegurança, necessidades, sentimentos e capacidades. Todas essas coisas entram no relacionamento, e na medida em que as pessoas são diferentes, é provável que nenhum relacionamentos e repita do mesmo modo.

Consideremos, por exemplo, como Jesus se relacionava com as pessoas. Não tinha o mesmo tipo de relacionamento com todas elas. Ele reconhecia diferenças individuais de personalidades, de necessidades, e de nível de entendimento, e tratava as pessoas de acordo com isto. Quando procuramos tratar as pessoas da mesma maneira deixamos de conseguir boa harmonia, porque as pessoas não são iguais. Outra característica dos relacionamentos de Jesus é que Ele mantinha níveis diferentes de profundidade e proximidade. João era o discípulo a quem Jesus amava, talvez o amigo mais próximo, ao passo que parece que Pedro, Tiago e João formavam juntamente um círculo interno com o qual tinha um relacionamento especial. Depois vinham os doze, o grupo dos setenta, e assim por diante.

Como discipuladores, parece que cada um de nós está cercado por círculos de pessoas. Umas poucas ficam por perto (dois amigos, membros da família etc.), outras ficam mais distantes. Para cumprir a Grande Comissão, cada um de nós, no centro do nosso círculo de influência, deve ser, em primeiro lugar, discípulo de Jesus, completamente dedicado à Ele obediente à Sua direção para a nossa vida. Depois, nos relacionamen-

tos inter-pessoais - trabalho, aconselhamento, paternidade, etc.

O ajudador não precisa necessariamente esforçar-se para ser amigo do auxiliado. O aconselhamento é um relacionamento que certamente pode envolver amizade, mas existe primariamente um propósito em mira - ajudar o auxiliado a enfrentar o problema.

Princípio n° 4: A ajuda deve ser focalizada nas emoções, nos pensamentos e no comportamento do auxiliado - todos os três.

Em muitas das abordagens seculares e cristãs ao aconselhamento, a ênfase se dirige ou à emoção, ou ao pensamento, ou ao comportamento. Quando examinamos as Escrituras vemos que o sentimento, o pensamento e o comportamento são todos de grande importância, talvez igual. Consideremos, em primeiro lugar, os aspectos emotivos. O próprio Jesus chorou em duas ocasiões, pelos menos, e às vezes ficava zangado. Ele não negava os sentimentos, nem condenava as pessoas por experimentarem e expressarem suas emoções. Claramente era sensível aos sentimentos dos outros também. É possível dar ênfase demais aos sentimentos num relacionamento de aconselhamento, mas também é possível reprimilos ou negá-los. Jesus não fez nenhuma das duas coisas. Havia ocasiões, no entanto, em que Jesus ressaltava mais o pensamento racional. Tomé tinha uma tendência para duvidar, mas Jesus lidava com estas perguntas intelectuais de modo racional. Não desatendeu Tomé, nem o criticou por sua falta de fé. Pelo contrário: quando os discípulos duvidavam, Ele providenciava as evidências. Jesus, porém, também se preocupava muito com o pecado e o comportamento pecaminoso. Mandou a mulher apanhada em flagrante adultério transformar o seu comportamento, e não pecar mais, aconselhou o jovem rico a ser menos egoísta etc. Repetidas vezes, Jesus confrontou as pessoas com comportamento pecaminoso e egocêntrico, e as mandava transformarem-se.

Na conclusão da sua epístola aos Filipenses, o apóstolo Paulo dá muitos conselhos práticos para a vivência de todos os dias. Em primeiro lugar, lida com as emoções, instruindo seus leitores a se regozijarem, a serem pacientes, a não serem ansiosos, e a se acalmarem na paz de Deus (Fp. 4:4-7). Depois, a ênfase recai sobre o pensamento: Fixem o seu pensamento... conforme se nos manda, nas coisas que são verdadeiras, respeitáveis, justas, puras, amáveis, boas, virtuosas e dignas de louvor

(Fp. 4:8). Finalmente, enfatiza-se o comportamento. Devemos praticar tudo quanto nos foi ensinado; aprender como Paulo a ficar contentes e fazer todas as coisas no poder de Jesus (Fp. 4:9-13). O sentimento, o pensamento e a ação - todos os três são importantes nas Escrituras e cada um deve ser levado em consideração no aconselhamento.

Princípio nº 5: A ajuda envolve uma variedade de habilidades de auxílio.

Esta palavra "habilidades" pode ser vista de duas perspectivas. De um lado, há as técnicas de aconselhamento - coisas tais quais escutar atentamente, observar com cuidado ou fazer perguntas sábias enquanto o auxiliado descreve o problema. Trata-se *daquilo que se faz* no aconselhamento. Para a máxima eficácia, o aconselhamento também precisa de direção. Refere-se *para onde a pessoa vai* num relacionamento de ajuda. Isso quer dizer que precisa-se ter alvos a serem alcançados.

Abaixo enumeramos alguns procedimentos (técnicas) importantes no aconselhamento, para entender e ajudar outro ser humano:

a) Escutar. Trata-se de dar a atenção total ao auxiliado, e de demonstrar esta atenção mediante o contato através dos olhos, da postura e o uso de declarações animadoras (ex.: "isso faz sentido", "entendo o que você quer dizer"), de uma resposta ocasional para perscrutar (ex.: "continue", "conte-me mais"), e uma repetição periódica daquilo que o auxiliado disse, para ter certeza de que entendemos. Jesus, apesar de ter conhecimento perfeito da personalidade íntima das pessoas e dos problemas delas (Jo. 2:25), escutava com paciência (Lc. 24: 13-24). Nossa tarefa como ajudadores é entender e demonstrar, ao escutar, que nos importamos com o auxiliado. Relacionamos algumas diretrizes para escutar bem o auxiliado: Prepare-se para presta atenção fisicamente e mentalmente e saiba que ao ouvir você está aprendendo; avalie o conteúdo da conversa como o modo no qual está sendo exposto (atenção às pistas verbais e às não verbais); controle as emoções; resista às distrações; tente não interromper; prenda-se ao assunto em pauta; não faça muitas perguntas; não pregue; devagar nos conselhos; não argumente; não procure por fatos adicionais para satisfazer sua própria curiosidade.

b) Orientar. Na medida em que empregamos respostas orientadoras, nosso alvo é estimular o auxiliado a declarar os seus sentimentos ou pro-

pósitos, e encorajar um exame honesto do seu comportamento. O propósito é ajudar o auxiliado a ter clareza quanto ao seu problema. Sendo assim, ele pode avançar ao ponto de obter nova compreensão ou de adotar alguma atuação que leve a efeito uma mudança. Jesus empregou comentários orientadores quando andou juntamente com aqueles dois homens desanimados no caminho para Emaús: "Que é isso que vos preocupa e de que ides tratando à medida que caminhais?" perguntou. Quando Cleópas descreveu as coisas recentes que tinham ocorrido em Jerusalém, Jesus disse: "Quais?" (Lc. 24:17-19). Estas foram perguntas orientadoras que levaram os homens a falar.

c) Apoiar. Esta palavra não dá a entender que o ajudador deverá sustentar os psicologicamente desajustados, de modo que nunca aprendam a enfrentar os problemas sozinhos. Apoiar é reconhecer que é difícil para um auxiliado abrir seu coração, falar em fracassos, reconhecer pensamentos ou ações pecaminosos ou confessar que algum problema o derrotou. Falar abertamente é arriscar ser rejeitado, criticado ou esquecido. A Bíblia, porém, nos informa que devemos confessar as nossas faltas, não somente a Deus, mas também uns aos outros (Tg. 5:16). Se houver pecado, encorajamos o auxiliado a confessá-lo e ficamos firmes ao lado dele enquanto trabalha na mudança de atitudes ou comportamento. Damos apoio emocional e espiritual na medida em que o auxiliado dá os passos em direção à maturidade e ao crescimento espiritual.

d) Confrontar. É possível que o ajudador escute, faça comentários orientadores e apoie um auxiliado que, apesar disto, não melhora de algum modo. A confrontação envolve a indicação do pecado na vida de auxiliado, mas não é limitada a isto. Podemos confrontar o seu comportamento inconsistente ("Você diz que ama a sua esposa, mas a trata mal"), o seu comportamento de auto-derrota ("Quer ter sucesso, mas estabelece alvos tão elevados que tem certeza de que fracassará"), a sua tendência a evitar as questões difíceis ("Você diz que quer crescer espiritualmente, mas cada vez que surge uma questão difícil, você muda de assunto"), etc. A confrontação é uma tarefa difícil. Deve ser feita de modo suave e sem julgar (Gl. 6:1; Mt. 7:1), mas o ajudador deve ter coragem suficiente para desafiar a resistência aberta ou passiva de um auxiliado que talvez não queira enfrentar a realidade do pecado ou da inconsistência na sua vida. Lembre-se de que a tarefa do ajudador não é condenar, mas, sim, ajudar;

não despertar problemas, mas, sim, curar.

e) Ensinar. Basicamente, o aconselhamento realmente é isto. O auxiliado está aprendendo como agir, sentir e pensar de modo diferente. O ensino pode ocorrer de várias maneiras. Pode envolver a instrução, o aconselhamento, ou a informação ao auxiliado quanto àquilo que deve fazer. Entretanto, usualmente a orientação verbal tem pouco impacto, é mais eficaz quando o ajudador demonstra mediante o seu comportamento como viver ou pensar. Quando se oferece louvor, encorajamento ou outros reforços quando o auxiliado mostra uma melhoria. E também, cooperar com o auxiliado enquanto toma decisões, empreende ações, e avalia o que está fazendo para transformar-se.

Princípio nº 6: O alvo final da ajuda é transformar nossos auxiliados em discípulos e discipuladores.

Esta declaração poderia ser alvo de graves mal-entendimentos. Parece dar a entender que o aconselhamento se preocupa somente com assuntos espirituais. Mas no processo do discipulado há no mínimo, cinco passos: Levar a efeito o contato, testemunhar verbalmente, levar as pessoas ao ponto de conversão, ajudá-las a crescer como discípulos e ensiná-las a discipular outros. Muita coisa já foi escrita acerca da evangelização e do testemunho, mas é só recentemente que vemos uma ênfase dada à edificação de discípulos. O ajudador se importa com tudo isto, mas são importantes algumas conclusões.

a) O ajudador pode entrar numa vida a qualquer ponto nestes cinco passos. Pode lidar com um descrente que nunca ouviu o evangelho, ou com um irmão da igreja.

b) O ajudador pode levar o auxiliado por todas as cinco etapas, ou pode ficar com ele por um certo tempo, tendo alguma influência na sua vida, e depois afastando-se enquanto outra pessoa assume a responsabilidade. Como ajudadores, não precisamos ser possessivos com os nossos auxiliados, nem tomar por certo que somente nós podemos ajudar.

c) O ajudador não deve introduzir o lado espiritual de modo rápido e abrupto demais. Ele deve ser sensível à orientação do Espírito Santo, e, às vezes, esperar uma boa oportunidade para mencionar as coisas espirituais.

d) A ajuda, como o discipular, envolve a totalidade do corpo de Cristo. O corpo existe para o apoio, ajuda, o levar de fardos e a edificação mútua.

e) O aconselhamento no discipulado diz respeito à pessoa inteira. Quando alguma coisa desanda com um aspecto da pessoa unificada, a totalidade do ser do indivíduo é afetada. Não devemos lidar somente com a parte espiritual e esquecer-nos das necessidades físicas e emocionais.






Estes, pois, são os princípios do aconselhamento no discipulado. Dizem respeito à importância do ajudador, da atitude do auxiliado, do relacionamento de socorro, à importância do sentimento, do pensamento e das ações, ao uso de habilidades de ajuda, e ao alvo do discipulado.

EXERCÍCIO:

Marque certo ou errado:

1. ___ Todo cristão deve ser um ajudador de pessoas.
2. ___ O ajudador eficaz procura ver e entender o problema do ponto de vista do ajudado.
3. ___ Quando a pessoa não quer ajuda, deixa de perceber que existe um problema e não deseja mudar.
4. ___ Nas Escrituras vemos que o sentimento, o pensamento e o comportamento são todos de igual importância.
5. ___ Ajudar envolve uma variedade de habilidades de auxílio. Entre elas estão: escutar e orientar.
6. ___ O aconselhamento no discipulado é transformar os auxiliados em discípulos e discipuladores.

BIBLIOGRAFIA:

-  Aconselhamento. Gary R. Collins. 2ª Edição. Editora Vida Nova.
-  Apostila do Núcleo de Aconselhamento Cristão.
-  Oficina de Cura Interior. Fábio Damasceno. Vinde.
-  Didática do Aconselhamento Bíblico. José Maria Nascimento Pereira.
-  Seminário Básico de Aconselhamento. Núcleo de Aconselhamento Cristão de Brasília.

GABARITO DOS EXERCÍCIOS

	lição 1	lição 2	lição 3	lição 4
Questão 1	C	C	C	C
Questão 2	C	C	C	C
Questão 3	C	C	C	C
Questão 4	E	E	C	C
Questão 5	C	C	C	C
Questão 6	C	C	C	C

**Seminário Evangélico Para Aperfeiçoamento de
Discípulos e Obreiros do Reino - SEMEADOR**

Programa Curricular

LIVRO 1	Doutrina da Salvação
LIVRO 2	Pentateuco
LIVRO 3	Louvor e Adoração
LIVRO 4	Os Evangelhos
LIVRO 5	Livro de Atos
LIVRO 6	História da Igreja
LIVRO 7	Família Cristã
LIVRO 8	Epístolas aos Hebreus
LIVRO 9	Cura e Libertação
LIVRO 10	Aconselhamento Cristão
LIVRO 11	Oração Intercessória
LIVRO 12	Epístolas Paulinas 1
LIVRO 13	Epístolas Paulinas 2
LIVRO 14	Epístolas Paulinas 3
LIVRO 15	Homilética
LIVRO 16	Espírito Santo
LIVRO 17	Cristologia
LIVRO 18	Princípios da Hermenêutica
LIVRO 19	Escatologia Bíblica
LIVRO 20	As Epístolas Gerais
LIVRO 21	Criação e o Mundo Espiritual
LIVRO 22	História de Israel
LIVRO 23	Seitas e Heresias
LIVRO 24	Profetas Maiores
LIVRO 25	Profetas Menores
LIVRO 26	Batalha Espiritual
LIVRO 27	Discipulado Prático